



I SEPECBio

I Simpósio de Estágio e Pesquisa em Ensino de Ciências e Biologia
26 e 27 de março de 2026 | UFPA - Bragança-PA



ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E REFLEXÕES CRÍTICAS.

Patrick Rosário Ribeiro

Universidade Federal do Pará / UFPA
patrick.ribeiro@braganca.ufpa.br

Rebeca Sabrina Cunha Marcos

Universidade Federal do Pará / UFPA
rebeca.marcos@braganca.ufpa.br

Priscilany Cavalcante dos Santos

Universidade Federal do Pará / UFPA
priscilanydos@ufpa.br

Eixo temático: Estágios Supervisionados em Ciências e Biologia.

Modalidade: Comunicação oral.

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) consolida-se como um espaço fundamental de reinserção educacional, voltado a sujeitos que tiveram seus percursos escolares interrompidos por determinantes sociais, econômicos e culturais (Arroyo, 2017). No cenário atual, essa modalidade é fortalecida por mecanismos de gestão como o Pacto Nacional pela Superação do Analfabetismo e Qualificação da Educação de Jovens e Adultos (Brasil, 2024). Segundo o Ministério da Educação (MEC), esta é uma política pública estruturada de forma colaborativa entre a União, estados, Distrito Federal e municípios, visando não apenas o retorno à sala de aula, mas a garantia de uma formação qualificada e inclusiva.

Nesse contexto, o estágio possibilitou compreender os desafios e potencialidades dessa modalidade, destacando práticas pedagógicas voltadas para a inclusão, a valorização dos saberes prévios e a formação crítica dos educandos.



METODOLOGIA

A metodologia adotada durante o estágio foi fundamentada na observação participante, na colaboração com o professor regente e na regência de aulas. As atividades foram desenvolvidas entre outubro e dezembro de 2025, em uma turma noturna de EJA, de uma escola pública, localizada na cidade de Bragança – PA. As práticas pedagógicas envolveram:

- Exposição de fotografias sobre problemas socioambientais.
- Construção coletiva de nuvem de palavras sobre educação ambiental e climática.
- Utilização de imagens artísticas e filmes como recursos pedagógicos.
- Discussões sobre justiça climática e racismo ambiental, articulando conteúdo da Biologia e da Educação Ambiental.

A partir dessas práticas, nas quais se considerou a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) foram construídas algumas categorias, e as discussões levaram em consideração a perspectiva de Freire (1996), que orientou as ações, valorizando o diálogo, a escuta ativa e os saberes prévios dos educandos, de modo a promover uma aprendizagem significativa e contextualizada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados evidenciaram a relevância de práticas pedagógicas que aproximam os conteúdos científicos da realidade social dos alunos. A seguir, serão apresentadas algumas categorias construídas a partir das vivências das práticas pedagógicas e das reflexões críticas desenvolvidas no âmbito do Estágio Supervisionado.

Expectativas e Percepções Iniciais

As expectativas iniciais em relação ao estágio estavam alinhadas às experiências anteriores em outros campos de prática. Prevvia-se encontrar dificuldades de interpretação dos conteúdos, associadas ao cansaço dos alunos após longas jornadas de trabalho. Essa percepção foi confirmada, mas também se destacou o comprometimento dos educandos em participar das atividades, ainda que de forma tímida. A relação com os professores revelou o desgaste físico e emocional da



profissão, especialmente na EJA, mas também evidenciou dedicação e empenho em promover um ensino significativo.

A observação inicial permitiu compreender a diversidade de histórias de vida presentes na modalidade e a necessidade de metodologias que valorizem os saberes prévios dos alunos. A perspectiva freireana foi fundamental nesse processo, reconhecendo o educando como sujeito ativo do processo educativo (Freire, 1996).

Práticas Pedagógicas Desenvolvidas

Durante o estágio, foram realizadas práticas pedagógicas voltadas ao ensino de Ciências Biológicas, com ênfase em Educação Ambiental e Justiça Climática. Uma das atividades consistiu em uma exposição fotográfica sobre problemas socioambientais, aproximando os conteúdos científicos da realidade dos educandos. Essa prática contribuiu para o desenvolvimento do senso crítico dos alunos, permitindo reflexões sobre desigualdade socioambiental e racismo ambiental.

Outra atividade relevante foi a construção de uma nuvem de palavras sobre educação ambiental e climática, estimulando a análise crítica e o diálogo coletivo, as palavras que emergiram foram termos como “desigualdade”, “território” e “sobrevivência” destacaram-se, revelando que os alunos compreendem o racismo ambiental como uma barreira à cidadania plena. Assim, a permanência desses estudantes na escola depende de uma formação que valide esses saberes e fomente uma postura crítica diante das injustiças ambientais (Arroyo, 2017).

Também, foram utilizadas imagens fotográficas de áreas vulneráveis e a exibição de filmes, recursos que favoreceram o engajamento dos alunos e a contextualização dos conteúdos. Essas metodologias inovadoras demonstraram a importância de aproximar ciência e cotidiano, promovendo uma aprendizagem significativa.

Sobre a abordagem da justiça climática e do racismo ambiental despertou reflexões críticas sobre desigualdade socioambiental e responsabilidade coletiva, essa transformação foi evidenciada nas atividades realizadas com a turma, onde o tema emergem como eixos centrais, e seguindo a análise coletiva demonstrou que a crise climática não afeta a todos de forma igual, incidindo severamente sobre populações historicamente vulnerabilizadas. Ademais, os principais resultados observados



destacam-se: o engajamento dos alunos, desenvolvimento do senso crítico, inclusão pedagógica e valorização das histórias de vida.

Aprendizagens e Reflexões

A experiência possibilitou aprendizagens diversas, tanto em relação à escola quanto aos alunos e professores. Com a escola, foi possível compreender a relevância da infraestrutura e da gestão escolar para o processo educativo. Com os alunos, destacou-se a necessidade de metodologias flexíveis e contextualizadas, capazes de respeitar os diferentes tempos de aprendizagem e valorizar as trajetórias de vida. Com os professores, evidenciou-se o desafio de adaptar conteúdos e manejar turmas heterogêneas, exigindo sensibilidade pedagógica e constante reflexão.

O enfrentamento de um aluno não alfabetizado exigiu adaptações nas avaliações, priorizando a oralidade e reforçando a importância da inclusão e da mediação docente. Já a ausência de diálogo entre alunos e professores foi superada com escuta ativa, perguntas abertas e atividades coletivas, evidenciando que o diálogo é essencial para criar ambientes educativos acolhedores e respeitosos.

Expectativas Futuras para a Prática Docente

As expectativas para futuras práticas docentes apontam para uma escola dinâmica e participativa, capaz de promover oficinas interdisciplinares e atividades que estimulem o pensamento crítico. O currículo deve ser flexível, contextualizado e inovador, integrando tecnologias e valorizando os saberes dos alunos. A prática docente precisa romper com a lógica da educação bancária (Freire, 1996), favorecendo experiências significativas e transformadoras.

Nesse sentido, a EJA deve ser compreendida como espaço de emancipação e justiça social, preparando jovens e adultos para enfrentar os desafios contemporâneos. A formação cidadã crítica é essencial, e o professor deve assumir papel de mediador, comprometido com a inclusão e a valorização das histórias de vida dos educandos.

Elementos Fundamentais da Prática Docente na EJA

O estágio evidenciou elementos essenciais para a prática docente na EJA, como a escuta atenta, a valorização dos saberes prévios, a contextualização dos conteúdos e o uso de metodologias participativas.

Além disso, destacou-se o papel da educação como instrumento de



transformação social sob a perspectiva de Freire (1987), a educação assume um caráter libertador, funcionando como uma ferramenta de conscientização que permite aos sujeitos compreenderem e transformarem sua realidade social e política, uma vez que, muitos estudantes enxergam a escolarização como oportunidade concreta de mudança de vida a permanência dos alunos na EJA depende de políticas públicas eficazes e da formação continuada dos professores, reafirmando a importância de uma prática docente crítica e inclusiva. Segundo (Arroyo, 2017), a educação de jovens e adultos exige uma sensibilidade pedagógica que reconheça as especificidades das trajetórias de vida desses alunos, indo além da simples transmissão de conteúdo.

CONCLUSÕES

O estágio supervisionado na EJA proporcionou uma experiência formativa significativa, reafirmando o papel da educação como instrumento de inclusão e transformação social. A vivência evidenciou que a prática docente nessa modalidade exige sensibilidade, empatia e constante adaptação metodológica, de modo a respeitar os diferentes tempos e trajetórias de aprendizagem. As práticas pedagógicas desenvolvidas, fundamentadas na perspectiva crítica e contextualizada, contribuíram para o engajamento dos alunos e para a construção de reflexões sobre justiça climática e racismo ambiental.

Em síntese, o estágio reforçou a importância de uma educação que vá além da transmissão de conteúdos, valorizando o diálogo, a escuta e a realidade dos educandos. A experiência fortalece as expectativas futuras de práticas docentes inovadoras, inclusivas e comprometidas com a emancipação dos sujeitos da EJA, preparando-os para enfrentar os desafios sociais e profissionais do século XXI.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA**. São Paulo: Cortez, 2017.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Pacto Nacional pela Superação do Analfabetismo e Qualificação da Educação de Jovens e Adultos**. Brasília, DF: MEC, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/pacto-eja>. Acesso em: 3 fev. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.